

COMISSÃO DE COMUNICAÇÃO
DA PROVÍNCIA DOS PADRES CARMELITAS DESCALÇOS

Átrio do Claustro

claustrO

Espaço de diálogo, reflexão e espiritualidade

II

Claustro é aquele lugar que, no convento e no mosteiro, faz a mediação entre o exterior e o interior, ou permite que do interior se penetre ainda mais no mais interior da casa; dá também para quatro dedos de conversa e para vislumbres de céu.

Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.

© EDIÇÕES CARMELO
Convento de Avesadas
Apartado 141
4634-909 Marco de Canaveses – PORTUGAL
Tel.: +351 255 531 354
editorial@carmelo.pt
www.carmelo.pt

1.^a edição: novembro de 2023

COLEÇÃO: Claustro – 2

DESIGN E PAGINAÇÃO: Delfim Machado

ASSISTÊNCIA À EDIÇÃO: Frei João Costa

IMPRESSÃO • ACABAMENTO

Graficamares, Lda.

DEPÓSITO LEGAL n.º

ISBN 978-972-640-201-5

APRESENTAÇÃO



FREI JOÃO COSTA

Caiu-me no regaço, há não muitos dias, um provérbio. Aconteceu-me tal como acontecem as coisas inesperadas – caem-nos como, a seu tempo, caem maçãs sobre a erva. Este caiu-me e assentou-me bem – tomei-o e rescendia maravilhosamente.

Andava a contar animais que moram nos textos da nossa Santa Madre Teresa de Jesus, e dei de caras com outra máxima: «*nunca acabamos de nos conhecer*». Querem saber uma coisa: dobrei-o e guardei-o numa das pregas do coração! E de seguida li todo aquele texto sobre a necessidade e proveito do auto-conhecimento; diz ela ali que, para qualquer empresa a que deitemos mãos, também a da oração, é muito necessário que, previamente, cada um se conheça a si mesmo – *sem nunca acabar de conhecer-se...*; entretanto, levando em conta o espaço que aqui me dão, aproveito para destacar parte do texto que se refere a esse labor urgente do conhecimento de si mesmo:

«Mas entendam-me bem, pois este é muitíssimo necessário até para as que estão na morada do rei porque, por mais elevada que a alma esteja, nenhuma outra coisa lhe convém. E, mesmo que o queira, não o poderá esquecer, porque a humildade, como a abelha na colmeia, está sempre a fabricar o seu mel. Sem o conhecimento próprio tudo está perdido. No entanto, tende presente que a abelha não deixa de sair e voar para sugar as flores. Creiam-me que assim deve fazer a alma no conhecimento próprio» (Moradas I,2:8).

Terão reparado que o bichinho de que aqui haverei de falar é da abelha. Agora, porém, é tempo deste livro que se nos apresenta. Eis o que direi: *Ainda sou do tempo...*

...das eiras e das lareiras.

Na eira onde raspei pipas, e a seu tempo, também espalhei braçadas de feijão, gabelas de centeio e molhos de canas de milho. Depois calcámo-los ou malhámo-los; e à sombra da figueira grande crivámos e peneirámos o grão, e depois de varrida a eira, deixámo-lo a secar ao sol. Na lareira abri pinhas e assei castanhas e, antes de *turrar de sono*, fascinado olhei o calor das brasas juntas e, na cara de meus irmãos, a fantasmagoria do bailarico das chamas.

E falávamos. Falávamos muito. As conversas sob a figueira e ao redor do grão são fartas, à volta das brasas, quentes. Lembro-me muito bem dessas conversas, embora eu só falasse quando me perguntavam. O natural era que eu e os outros miúdos ouvíssemos – sobretudo na eira, durante a freima da debulha.

Naquelas conversas tudo vinha à baila, os assuntos de longe e os de perto, os da alma e os da consciência, os da fé, da escola e outros mais prosaicos, os do costume e os das novas ou novidades, e ditos, contos e adivinhas, charadas, trava-línguas e taramelas, desamores, despeitos e guerras. Não direi que aquele tempo fora melhor, e talvez fosse. Mas lá que era diferente, era. Os pais preocupavam-se mais de cerca com os filhos que traziam debaixo do olhar e os avós adoçavam-nos as asperezas com palavras mansas, muito mais doces que o chocolate que não conhecíamos.

Ah, o tempo das eiras e das lareiras!

Efabulo, talvez, ou melhor, talvez exagere um pouco. Mas duma coisa não duvido: é bom crescer sob o olhar dos pais, dos amigos dos pais, dos irmãos dos pais, e dos vizinhos dos pais – a tribo, enfim; e sob o olhar daqueles que já não tendo os dentes todos, nem o cabelo todo, nem a força toda, eram os que mais falta faziam nos trabalhos comunitários. A minha

primeira universidade foi essa – tinha professores assistentes, titulares e catedráticos. E nunca faltava por ali um reitor!

Foi à roda deles que aprendi que o silêncio fala e engendra.

Terá sido a rememoração daqueles antigos círculos de conversa, e de ajuda, que me fez lembrar a necessidade de semear *a Claustro*? Não sei. Sei, sim que, em boa hora, juntos, *a* começámos. (A verdade é que hoje muito gostaria de continuar calado, a aprender; mas aceito que, inteiramente, assim não possa ser, e que quando chamado dê o meu contributo, lado a lado, com meus irmãos e irmãs, ou atire uma acha para fogueira. Seja.)

Registo que agora interessa: este é o segundo ano que *a Claustro* – entre nós, um arremedo de revista digital – sonhada e construída por irmãos e irmãs carmelitas descalços, consagrados e seculares, ousamos publicar todas as terças-feiras no site da nossa Província, o www.carmelitas.pt.

Dois anos não é muito tempo, apenas um *cibinho* de caminho que acaba de começar. Porém, como o fizemos juntos, sinodalmente, aqui fica este segundo livro, esta prova. Este *Átrio do Claustro* há-de ter valor de símbolo, entre nós partido e repartido, de sinal da graça e da amizade por nós tanto estimadas e reconhecidas. E se outrora me deliciava a ouvir nas conversas dos mais velhos coisas e loisas que desconhecia e nem sempre entendia, comprazo-me agora em ler estoutras dos mais velhos e dos mais novos, para isto confirmar: o livro é uma delícia! Fala das coisas humanas e divinas, tal como é de esperar entre espirituais; e fala de desafios que o presente e o futuro nos achegam; e fala de cultura, que é gémea do culto; e do nosso olhar sobre a casa comum, partilhada entre os que somos enformados pela fé em Cristo, e pelos que não se dizem de Cristo, a ela doutro modo pertencem e se referem, e que por especial ventura ou inesperado acaso, no autocarro ou no consultório, encontraram o <https://claustr.carmelitas.pt> e ali clicaram. Clicaram e leram-nos, apanhados ou pelo tom poético, ou pelo espiritual, ou pelo humilde, ou pelo sério e científico, e despertando, se deixaram espevitar e andar um pedaço de caminho connosco.

(A eira da minha casa, digo-o de verdade como quem só agora o descobre, era atravessada por um caminho público, pelo que era habitual que, a qualquer hora, a vizinhança por ali passasse, ou parasse e ficasse à conversa. Ora, também este claustro é atravessado, se não por caminhos, por clics. É isso: este claustro não é fechado, é aberto; e por aqui falamos com quem nos atravessa. Não concordarão todos com tudo, mas estou certo que muito do que aqui se diz é só para início de conversa. O restante falaremos tanto quanto a humildade das partes nos aproximar e ajudar a caminhar juntos.)

Na Claustro escrevem, sobretudo, e mais uma vez, os leigos carmelitas descalços, quase todos da ordem secular; e também alguns religiosos e monjas. A diversidade, não a uniformidade, tem tudo de belo... A primeira ergue a harmonia, a segunda mostra-se em monotonias. A primeira eleva-nos, a segunda decai-nos. Obrigado, portanto, a todos e a todas por esta sinfonia, executada, talvez, apenas em modo ensaio. Talvez. Mas quem ousará negar que um dia poderemos entrar em digressão?

Somos, pois, aqui isso quero resumir, uma família em diálogo, entre nós, e com quem nos atravessa ou se adentra no nosso claustro. Não nos impomos nem fechamos o claustro; apresentamo-nos, e vamos ficando por aqui, entretidos nas lides da casa, de pés no chão e coração em Deus, e em esperança activa, dispostos a dizer das razões pelas quais somos o que somos, e filhos de quem somos.

Tudo o que aqui dizemos será dito com inteiro acerto? Deus sabe que, como nosso Pai São João da Cruz, umas palavras as tiramos do nosso estudo e experiência, e outras, lhas pedimos emprestadas. Ele não erra, nós... Mas esforçamo-nos para que não; e se solitária gralha por aqui houver, qualquer um de nós dará mil vidas, para repor, diligentemente, o til ou circunflexo em falha.

Ao primeiro livro desta série demos o nome de *A Porta do Claustro*, que mais bem deveria ter sido nomeado como *da Claustro*, isto é, *da revista*

Claustro. A este segundo, por ser-lhe imediato, algo, portanto, mais adentro, intitulamos *O Átrio da Claustro*. (Deveria ser, obvio é, mais uma vez, *da Claustro*, por ser *da revista*).

Antes, porém, que os espíritos se confundam com esta disrupção permitam que advirta, desde já, que este complemento de lugar é, simultaneamente *da* e *do*: *da Claustro*, e *do Claustro*. É *da*, porque é da revista digital; e é *do*, porque este livro, tal como o anterior, é um convite a entrarmos no venerando espaço, seja de um convento, seja no interior de cada um de nós.

(Tanto barulho há lá fora e cá dentro, tanta pressa e tanta pressão, tanto bulício e tanta correria e agitação, tanta guerra e tanto estrondo, que se porventura três páginas deste livro ajudarem, mesmo que apenas uma só pessoa a conhecer-se melhor, a entrar no seu claustro interior, ou a rezar, ou a melhor se posicionar no mundo, então já valeram mais que a pena todas as nossas canseiras!)

Este é um livro imperfeito, está visto. Perdoe-nos quem, algo distraído ou não, o tomou nas mãos, que a ninguém queremos enganar. Aceitem, pois, o aviso, e colham um novo engelho que assinalo: é natural que um claustro tenha portas, já não átrios. O que, pois, queríamos significar com aquele título primeiro era o convite a entrar; e com o segundo, a cruzarmo-nos e, sobretudo, a pararmos para nos conhecermos melhor, que para isso servem os átrios. Arquiteticamente, aceito que seja um erro irreparável; literariamente, um apelo.

Achega-se-me o papel ao fim; e um toque de sininho me vem avisando que não devo abusar da paciência dos leitores. Obedecerei. Porém, não quero fechar estas linhas sem um reforço e duas chamadas de atenção:

O reforço: este Átrio é um diálogo aberto, entre um tu e um tu, entre nós e vós; e é, sobretudo, mais uma oportunidade de início de conversa do que uma tese definitiva sobre qualquer assunto – aqui nada fecha-

mos; abrimos. É certo que não pedi licença a nenhum dos autores para dizer isto, mas está dito; tal como também fica dito que as imperfeições e incongruências mais que falha de saber são prova de que estas conversas são entre família, brotam de almas lhanas e expõem olhares de ternura, corações trémulos e mãos de doce afago. O tanto que aqui fica dito até a nós nos ajuda a crescer, a si, oxalá, também. Para o alto. E se por aqui se achar alguma outra incongruência ou erro irreparável, desde já dizemos, que não foi nem por displicência nem por desobediência.

O nosso gosto é que este livro seja lido. Não sofregamente, que é modo errado do sedento beber, ou do naufrago se agarrar a uma âncora! Os livros são companheiros; e este em especial, porque leva muitos dentro. Não urge que se leia de cabo a rabo; mas a pequenos sorvos ou goles: um texto de cada vez. Um e apenas um, por noite, antes de dormir...

Experimente.

Mas o que apraz chamar a atenção é para o capítulo da JMJ e para o Ferrolho.

Dentro de dez anos – talvez não antes – a Igreja portuguesa colherá os frutos do esforço posto no acolhimento das Jornadas Mundiais da Juventude em 2023. Fizeram-se coisas lindas, e sobretudo, mostrámos aos nossos jovens – a eles primeiro, sim, depois aos outros – o rosto jovem e belo da Igreja. É por isso que me apraz publicar três textos de três mulheres sobre as Jornadas: o primeiro é de uma adolescente, a Maria, que participou pela primeira vez nas JMJ; o segundo é de uma jovem da Universidade Católica, a Beatriz, que em nome dos jovens portugueses se dirigiu, face a face, ao Papa Francisco; e o terceiro é de uma investigadora, a Helena, que desde a luz da celebração da JMJ2023 olhou para o nosso futuro como comunidade de fé.

Vale bem a pena olhar para a Igreja desde o coração destas três mulheres carmelitas. A não perder.

O Átrio encerra com um ensaio sobre o Catolicismo francês. Melhor dito, sobre a *católicofobia* que, vinda de vários sectores, impende sobre os

católicos franceses. O autor, José Manuel Cruz, vive em Paris. Imerso na realidade e na cultura francesas, e com olhos de católico, contempla ele a fé dos católicos franceses a arder.

Não recordo agora quem disse que as luzes de França entravam em Portugal de comboio e com cinquenta anos de atraso. Se assim era, hoje já não o é tão demorado. Por isso, antes que aqui se cheguem tais fumos e fobias melhor será ler o que por lá se passa.

E, como prometi, falta falar da abelha. Encontrei-a num luminoso provérbio africano: «*A quem segue as abelhas, nunca lhe falta o mel*». (^)



ÍNDICE



Apresentação <i>Frei João Costa</i>	7
---	---

CASA COMUM

Podar o (nosso) jardim <i>Luís Correia</i>	16
Itinerários de discernimento <i>Joaquim Teixeira</i>	20
A teoria dos três zeros e a vida plena <i>Teresa eugénio</i>	24
Deus nunca se cansa de dar <i>Júlio Pereira e Ana Rita Cardoso</i>	28
Se vivesse hoje em Gaza ou Israel, importava-me com a amazónia? <i>Nicole Vareta</i>	32

CULTURA

O dilema da educação para a cidadania e o direito a uma voz diferente <i>Helena Castro</i>	38
A alegria de acreditar de madeleine delbrêl <i>Maria Paula Figueiredo</i>	44
Da autenticidade do fazer artístico <i>Alexandra Lisboa</i>	48
Antes que os algoritmos nos corram nas veias <i>Alberto Santos</i>	53
A missa do P. Abrunhosa salva-nos na noite escura <i>João Costa</i>	55
O tempo das sarças de fogo <i>D. Manuel António dos Santos</i>	64

DESAFIOS

A lógica do dom <i>Nuno Henriques</i>	72
Não há pessoa do passado, todos partilhamos o mesmo presente <i>Maria Alexandra d'Araújo</i>	75
O extraordinário valor das pessoas com deficiência <i>Gustavo Borges</i>	79
A sabedoria da loucura de Deus <i>Ana Sofia da Cruz</i>	83
Navegar é preciso! <i>Manuel Reis</i>	92

ESPIRITUALIDADE

O fogo e o madeiro <i>Isabela Neves</i>	98
Não é a cruz. é a aceitação da cruz <i>Rui Guerra</i>	102
A maior prova de amor <i>Ana Sofia de Maria e da Trindade</i>	108
No teu rosto, Jesus, está tudo o que desejo (Jo 14:8) <i>Isabel Carreira</i>	111
Céu: aqui e agora <i>Dina Louro</i>	115
A solidão de São João da Cruz <i>João Carlos Vieira</i>	126

PERSPETIVAS

O abandono de Teresa do Menino Jesus e da Santa Face <i>Lígia Freitas</i> ..	132
Embalado pelo vento da noética no crepúsculo da vida <i>Pedro Ventura</i> ..	138
A minha mãe é a mãe mais bonita <i>Francisco Braquês e Isabel Trindade</i> .	142
Sobre a peregrinação (de comboio) do Papa João Paulo II, ao sameiro de braga, em 15 de maio de 1982 <i>Duarte Xavier de Campos</i>	148
Uma forma de salvação – a experiência de oração e o processo criativo <i>Beatriz Lisboa e Luísa Lisboa</i>	155
Pinceladas de arco-íris e outras cores: a pintura como impulso para novas aprendizagens <i>Verónica Parente</i>	164

JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE 2023

A primeira de muitas jornadas mundiais da juventude <i>Maria Puga Araújo</i> .	172
Ajudar a erguer os corações feridos <i>Beatriz Lisboa</i>	176
JMJ: navegar os desafios de uma Europa sem esperança <i>Helena Castro</i> ..	179

FERROLHO

Roteiros de uma católicofobia: dos crentes aos malquerentes no exemplo francês: <i>José Manuel Cruz</i> .	186
--	-----